

Bibliografia

I

Progressive Portugal, by Ethel C. Hargrove, London 1914, 276 páginas.

Mais um livro sôbre Portugal vem alongar a série dos recentemente publicados.

Êste agora, que parece ter sido escrito a pedido da Sociedade Propaganda de Portugal, ocupa-se, embora levemente, de todos os assuntos que se prendem com a vida do nosso país. É uma espécie de *guia de excursionista*, sem a secura metódica que é de uso em tais publicações.

Fala-nos, o seu autor, de Braga, do Pôrto, do Buçaco, Coimbra, Leiria, Lisboa e arredores e do Algarve; da nossa paisagem, costumes e *folk-lore*; da história e das navegações; do movimento social artístico e literário do nosso país.

Dos artistas são citados em especial Alberto Sousa, que pela bela feição etnográfica das suas aguarelas deve incontestavelmente chamar a atenção dos estrangeiros, e Columbano Bordalo Pinheiro, o nosso grande pintor. Dos literatos, o nome do Dr. Leite de Vasconcelos, director do Museu Etnológico, e os seus trabalhos são convenientemente realçados, o que admira, tam acostumados andamos a que o verdadeiro mérito científico seja menosprezado ou esquecido.

O capítulo XIII (achados preistóricos e outros) refere-se à nossa arqueologia, à citânia de Briteiros, às estátuas lusitânicas de Montalegre, e ao Museu Etnológico de Belêm; a êste com certo desenvolvimento, visto que segundo as próprias palavras do livro é nele que com facilidade e melhor se pôde estudar «the life of the country in every aspect, from the stone age to the present day». No mesmo capítulo, ao princípio, enumeram-se os objectos arqueológicos de Portugal, que existem no Museu Britânico, e que a meu ver importa tornar conhecidos. Das pp. 131-132 do livro traduzo pois as seguintes linhas:

«Os primeiros vestígios do Portugal preistórico e dos seus habitadores podem ser estudados em Inglaterra. No Museu Britânico, armario K, da secção preistórica, podem ver-se o molde de um amuleto de xisto, ornado com triângulos riscados, do período neolítico, de Martim Afonso, perto de Muge e Santarêm; machados de pedra, incluindo dois (do mesmo período) de sepultura em caverna, perto de Leiria e anta do Cabeço da Arruda. E ainda, algumas tigelas, de

idade da pedra, sem letreiro, dois amuletos de xisto (ou ídolos) achados a doze pés de fundura num outeiro a caminho de Beja, quando da construção do caminho de ferro¹; molde de um amuleto de xisto em forma de fôlha de machado, também da Arruda, e outro com triângulos gravados, do período neolítico; outro com riscos de carácter mágico e dois pedaços de fôlhas de sílex.

Outros objectos dignos de nota, dêste período, são os moldes de um pilar de calcáreo com gravuras simbólicas em relevo, de um túmulo perto de Sintra, e de um machado sagrado (votivo) de Cascais».

Como se vê são poucos os objectos arqueológicos, verdadeiros ou moldados, que o Museu Britânico possui do nosso país.

Na relação do que mais interessou Hargrove na visita que fez ao Museu Etnológico, avulta o pavimento de mosaico de Leiria, com a lenda de Orfeu, que relaciona com outro achado em Brading, na ilha de Wight, e descrito pelo autor no seu outro livro *Wanderings in the Isle of Wight*.

O *Progressive Portugal* é em resumo um livro que alguma coisa poderá aproveitar ao nosso país, e que se deve acolher com gratidão pelos esforços que faz por tornar conhecidos la fora as cousas da nossa terra.

*

Opúsculos e Esparsos, coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3.º Visconde de Santarém—Lisboa 1910, 2 volumes de 480 e 492 páginas.

Inéditos (miscelânea), coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e trazidos à publicidade pelo 3.º Visconde de Santarém—Lisboa 1914, 1 volume de 584; (com continuação).

Dêstes três volumes oferecidos à Biblioteca do Museu Etnológico pelo Sr. Visconde de Santarém, que de cada obra mandou fazer a tiragem de 1:500 exemplares, para distribuição gratuita —enaltecendo por êste modo o nome de seu avô, o 2.º Visconde do mesmo título, que foi um dos grandes investigadores do seu tempo—, alguma coisa aproveitam os estudos arqueológicos.

¹ No livro, que diga-se de passagem, vem crivado de erros quando as palavras transcritas são portuguesas, está Bya por Beja. Ocorre-me que estes dois amuletos poderiam ter sido achados juntamente com duas folhinhas de ouro hoje no Museu Etnologico e de cuja proveniência se sabe apenas que foram encontrados nos trabalhos do caminho de ferro, perto de Beja.

No volume I, dos *Opusculos*, encontra-se a reprodução de um folheto muito raro, intitulado *Analyse Historico-Numismatica de huma medalha de ouro do imperador Honorio, do IV seculo da era christã, — feita pelo segundo Visconde de Santarem no Rio de Janeiro em 1818*, e que foi impresso em Falmouth, em casa de J. Lake.

No volume II, vem um artigo etnológico sobre a *Ibéria* (pp. 357-359), que foi publicado na *Encyclopédie des Gens du Monde*, t. XIV, parte II, p. 339-440, Paris 1841.

Nos *Inéditos* há, principalmente nos *memoranda*, numerosas notas arqueológicas, de lições, cópias de textos, etc.

Grande falta fez, como se escreve no Prólogo dos *Opusculos*, (p. VII), não se ter encontrado uma «memória» do Visconde de Santarém referida por Berthelot no Relatório publicado no *Bulletin de la Société de Géographie de Paris* em 1839, que tinha o título de «Dissertation sur le véritable emplacement de Mirobrigã, constaté par une médaille punique trouvée dans les ruines de cette ville».

Severim de Faria.—Notas biográfico-literárias, por J. Leite de Vasconcellos, Coimbra 1914.

Neste interessante trabalho de 36 páginas, o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos apresenta uma relação dos manuscritos deixados por Severim de Faria e aprecia com clareza e justiça a figura do notável polígrafo, que, no meio dos seus variados estudos, não se esquecia nunca dos monumentos do passado, especialmente moedas, que a região de Évora lhe estava continuamente patenteando.

Habitacões castrejas do Norte de Portugal.—(N.º XIV dos *Estudos do Alto Minho*), por Félix Alves Pereira, Viana 1914.

Um folheto de 25 páginas onde se expõem duas interessantes hipóteses de reconstituições de habitacões castrejas de Santa Luzia (Viana do Castelo), e se consigna a existência de várias edificações serranas (casas e pontes) em que se empregam lajes dispostas em *encorbellement*.

VERGÍLIO CORREIA.

II

Note sur le Chélléen de Casal do Monte, por Joaquim Fontes. Sep. do *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tome VII, séance du 17 Mars 1915. Lisbonne, Impr. de la Librairie Féry, 1915. Tem três figuras. É uma nota a um artigo de PIERRE PARIS, no *Bulletin Hispanique*, e esclarece a classificação paleolítica da estação do Casal do Monte. Tem 7 páginas.

Instruments paléolithiques des environs de Porto, pelo mesmo. Sep. do mesmo *Bulletin*, tome VII, séance du 7 Avril 1915. Lisbonne,

ib., 1915. Tem duas fotografuras. Descreve dois instrumentos chelenses¹ colhidos por FREDERICO DE VASCONCELOS nos depósitos superficiais da bacia do Rio Douro, nos arredores do Porto². Discute o A. as probabilidades de ser quaternário o terreno onde foram colhidos os instrumentos. Tem 5 páginas.

Varios documentos para uma contribuição ao estudo da tatuagem, pelo mesmo. Est. II-XVIII. Sep. do *Archivo de Anatomia e Anthropologia*, vol. II (n.º 2, 1914). Tem 38 figuras e um índice explicativo, no principio. É um curioso álbum de espécimes de tatuagem moderna, de indivíduos portugueses, para illustração do texto que o A. publicou à parte (vid. 5), posteriormente. São colhidas: no pósto antropométrico do Governo Civil de Lisboa; uma em um cadáver, em 1913; outras no arquivo do Instituto de Medicina Legal, de Lisboa, e no do Instituto de Anatomia. Tem 2 páginas de texto com informações das estampas.

Sobre a tatuagem facial em ídolos prehistoricos e gentílicos, pelo mesmo. Est. IX-X. Sep. do *Archivo de Anatomia e Anthropologia*, vol. III (n.º 2, 1905). Compara o A. as esculturas do Gard e Saint-Sernin (Aveyron), La Bessière (Tarn), com as representações antropomórficas do neolítico português, adornadas de tatuagem no rosto. Assim, recorda as chapas de xisto de Idanha-a-Nova³, Alcobaça⁴, e os cilindros de calcáreo de Moncarapacho⁵, e confronta-os com as esculturas similares francesas, com as quais as identifica. Depois, porque os selvagens actuais dão uma preciosa documentação dos usos primitivos, apresenta alguns exemplos de povos cujos ídolos tem tatuagem facial comparável com os desenhos neolíticos estudados anteriormente: os de Magandja, Laobah, em África; os de Laos, na Ásia; os de Mindanao, na Oceânia. O estudo é bem feito e harmónico. Tem 4 páginas.

¹ Sigo a lição do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, in *De Campolide a Melrose*, Imprensa Nacional, Lisboa 1915, a p. 110: *chelense, acheulense, moustierense, aurrignacense, solutréense* ou *solutrense, magdalenense* ou *madelainense*, e *azilense*.

² Vid. in *Compte-Rendu de la neuvième session* (à Lisbonne, 1880) *du Congrès d'Anthropologie et Archéologie Préhistoriques*, pp. 155 a 189: «Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro», lido pelo A., que era o engenheiro Frederico de Vasconcelos.

³ Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. I, p. 162, fig. 31.

⁴ Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, in *Portugalia*, vol. I, p. 140.

⁵ Leite de Vasconcelos, *Antiquilhas do Museu de Faro*, in *O Arch. Port.*, vol. XIII, p. 171, fig. 2.

Contribuição ao estudo da tatuagem (Morphologia e Ethnographia), pelo mesmo. Sep. do *Archivo de Anatomia e Anthropologia*, vol. III (n.º 2, 1915). É a primeira parte do estudo da tatuagem, do qual forma o Capítulo I: «Introdução ao estudo da tatuagem». O Sr. FONTES toma por base de estudo os critérios com que LOMBROSO e LACASSAGNE definem o significado mental da tatuagem: que é um *atavismo* (causal inconsciente), diz o primeiro; que é uma *expressividade natural* de ideas íntimas sem outra exteriorização, ou com uma necessidade de fracção permanente (*causal intencionada*), segundo explica o segundo (pp. 69-70)¹. Para explicar os factos, e deduzir d'elles a verdade da consciência e inconsciência que movem os tatuados, divide a exposição em três partes: a) segue a série evolutiva do adôrno e enfeite pessoal (pp. 70-75); b) aproveitando-se da classificação de MAGITOT para as mutilações anatómicas, separa a tatuagem e a pintura corporal, e estuda-as nos elementos que a arqueologia lhe forneceu (pp. 75-79); c) aprecia informações actuaes da tatuagem, em países selvagens e civilizados, apresentando as conclusões confirmativas das duas teorias donde encaminhou o estudo: tatuagem por ornamentação atávica e tatuagem com um «carácter intencional mais restrito e divergindo conforme os casos» (pp. 79-83). É também um estudo bem feito, bem documentado e consciencioso. Tem 8 páginas².

LUÍS CHAVES.

III

Medalhística

Medalhas comemorativas da fundação da igreja do SS. Coração de Jesus (vulgo «igreja ou basilica da Estrêla»), 1779. Artigo do D.ºr Artur Lamas, inserido no n.º 84 d-*O Rosario* (1914), e escrito com aquele critério e abundância de notícias a que os leitores d-*O Archeologo* estão habituados pela leitura das monografias que o mesmo illustre autor aqui tem dado a lume.

*

Vem a propósito dizer que o Sr. D.ºr Artur Lamas está neste momento imprimindo a 1.ª parte do vol. I de uma Memória histórico-

¹ A numeração é a do número do *Archivo*, de que esta publicação é *Separata*.

² As figuras do trabalho apontado em n.º 3 são, em parte, reproduzidas de objectos do *Museu Etnológico Português*: v. g., a fig. 1 da est. IX (lousa de Idanha-a-Nova), fig. 4 do texto (*porrinho* africano), fig. 2 da est. IX (cilindro calcáreo de Moncarapacho).

-descritiva (ilustrada) das medalhas portuguesas que compõem a colecção iniciada por seu falecido Pai, e continuada por êle com todo o afan, colecção que é hoje uma das melhores, senão a melhor, de Portugal.

Esta *Memória* tornar-se há um *vade-mecum* indispensável aos que de futuro versarem a Medalhística, porque o livro de Lopes Fernandes, além de obedecer a outro plano, mais modesto, está hoje muito atrasado (foi impresso em 1861.)

J. L. DE V.

Necrologia

Padre Narciso C. Alves da Cunha

«Na casa da Travessa da Palmeira, 64, 2.º, faleceu ante-ontem vitimado por uma pneumonia, o Sr. Narciso C. Alves da Cunha, deputado por Melgaço e últimamente senador.

Nasceu em Formariz, concelho de Paredes de Coura, em 5 de Setembro de 1851.

Frequentou os preparatórios no liceu de Braga e curso teológico no seminário da mesma cidade, ordenando-se de presbítero em Coimbra. Matriculou-se na faculdade de direito em 1876, concluindo a formatura em 1881.

Foi nomeado conservador do registo predial da comarca de Paredes de Coura em 1885, cargo que exerceu até ser despachado juiz auditor de Bragança em 1901.

O funeral realiza-se hoje, às 17 horas, para a estação do Rocio, donde seguirá para Paredes de Coura».

(Do *Diário de Noticias* de 17 de (?) de 1913).

*

O Dr. Narciso Alves da Cunha é autor de um valioso livro intitulado *Paredes de Coura*, Pórtó 1909, de 596 páginas, e muitas gravuras: há nele informações históricas, arqueológicas, lexicológicas e etnográficas, escritas com grande amor, e íntimo conhecimento, da terra natal, de que o citado livro constitue, por assim dizer, uma crónica.

Alves da Cunha prestou óptimos serviços ao Museu Etnológico, oferecendo-lhe, entre outros objectos, o curioso ídolo de que *O Archeologo* deu uma gravura no vol. xv, p. 32, e a ara do Deus *Ma-*